O DESENHO COMO RECURSO NO LETRAMENTO: ENTRE RISCOS E RABISCOS

MILTON DE SOUZA

RESUMO

Alfabetizar é uma tarefa que tem suas raízes num período histórico de grandes transformações na educação básica tanto para as escolas quanto para o professor. Neste contexto, o ensino do desenho a mão livre sempre foi conteúdo de pouca importância pois devido às possibilidades digitais de hoje, seu caráter formativo não é visto com importância para as aprendizagens do futuro. Sabendo-se que ele está presente na vida do aluno desde pequeno, favorecendo seu acesso ao mundo da escrita e da leitura, e seu pleno desenvolvimento no processo de criação e produção artística, sua importância na alfabetização é algo indiscutível. O desenho, seja ele impresso ou a mão livre, é uma forma de expressão e de diálogo, sendo assim, precisamos saber como dar continuidade a esta conversa tão própria, representada por símbolos gráficos, num rico universo de imagens e de ideias. Para compreender esse universo do aluno é importante aproximar a arte do processo de produção da escrita e da leitura. Na busca por meios e técnicas para dar um novo sentido a essa questão, o professor percebeu que o desenho pode ser seu aliado na prática alfabetizadora. Dessa forma, utilizá-lo na sala de aula será mais uma ferramenta de apoio para o trabalho com alfabetização e letramento nas séries iniciais.

PALAVRAS-CHAVES: Letramento; Alfabetização; Desenho.

ABSTRACT

Literacy is a task that has its sources in a historical period of great transformations in basic education for both schools and teachers. In this context, the teaching of freehand drawing has always been a content of lower relevance because, due to the digital possibilities of today, its formative character is not seen as relevant for the learning in the future. Knowing that it has been present in the student's life since the earliest ages, favoring their access to the world of writing and reading, and their full development in the process of artistic creation and production, the free hand drawing significance in literacy is unquestionable. Drawing, whether printed or freehand, is a form of expression and dialogue, so we need to know how to continue this conversation, which is so unique, represented by graphic symbols, in a rich universe of images and ideas. To understand the student's universe, it is important to bring art closer to the writing and reading production process. Seeking for means and techniques to give a new meaning to this issue, the teacher realized that drawing can be his ally in literacy practice. Therefore, using it in the classroom will be another support tool in teaching literacy skills in the early grades.

KEYWORDS: Literacy; Literacy; Drawing.

1 - INTRODUÇÃO

O desenho sempre está presente nas práticas pedagógicas implementadas, principalmente, nos centros de educação infantil e em escolas de ensino fundamental. Entretanto, nestas práticas o desenho geralmente não é conce-

bido como um recurso que pode auxiliar no processo de apropriação da escrita.

Para entender o desenho como ferramenta necessária a aprendizagem da leitura e da escrita é preciso compreender os processos de alfabetização e letramento. Segundo Soares (2004), é preciso entender que alfabetização e letramento constituem-se processos distintos, contudo, indissociáveis e interdependentes.

Por isso, na atualidade, urge compreender a relação entre tais processos para intercalar especificidades, sobretudo da alfabetização, reconhecendo que a necessidade de revestir de intencionalidade e sistematicidade as práticas pedagógicas que visam a alfabetização e o letramento.

Sobre esta questão destacamos Vigotski (2000), onde em sua reflexão orienta sobre o desenho infantil enquanto representação simbólica, pois encontramos nelas os mais importantes caminhos teórico-metodológicos, deixados pela teoria histórico-cultural para o encaminhamento do ensino da linguagem escrita: preparar e organizar o deslocamento do desenho das coisas para o desenho das palavras.

2 - A CRIANÇA E AS IMAGENS - O PRIMEIRO CONTATO

Apesar de estarmos vivendo na chamada “era da imagem”, muitos educadores de maneira geral ainda não utilizam métodos de ensino, que façam da imagem o ponto de partida para a construção do conhecimento e isso se dá pela não inserção do tema nos cursos de formação. Ainda há um predomínio da linguagem oral e escrita, “restringindo o suporte visual meramente à ilustração de um conhecimento dado como devidamente elaborado” (MOLINA, 2007.p.24).

Para Hernandez (2000), nessa discriminação quanto ao uso da imagem na escola: “Repensar a educação a partir da arte, da cultura visual, é fazê-lo, em parte, da posição dos perdedores, pois quase ninguém considera esses conhecimentos valiosos para a formação dos cidadãos mais jovens.” Como aprendizagem, a arte sempre foi vista como algo prático e manual, um saber informal, sem grande importância para o campo dos conhecimentos organizados.

O que não se considerou por muito tempo , foi que o conhecimento a partir das imagens, requer “um pensamento de ordem superior” (VIGOTSKY, 1979) e um constante exercício de interpretação e compreensão do universo visual existente em cada cultura.

O estudo da leitura de imagens começa a fazer parte dos currículos no Brasil, principalmente a partir dos anos 90, com a Metodologia Triangular, através da proposta de Ana Mae Barbosa, nas quais aparece a figura do professor , que deve ser o “mediador” no processo de percepção e apropriação dos conhecimentos sobre arte, para que o aluno possa além de alfabetizar-se, transcender as aparências, apreender pela arte, aspectos da realidade humana em sua dimensão singular e social, e ser membro atuante na sociedade.

Atualmente os professores, devem tomar consciência desta nova realidade que está posta, reconhecendo que as imagens são códigos e levar os alunos a compreendê-los a partir das diferentes referências culturais, este está sendo um grande desafio para a educação. Para Hernandez

(2000,p.89),: Se o ensino da arte quiser chegar a ser um veículo de conhecimento e contribuir para uma visão intercultural e alternativa diante da homogeneização da atual cultura global e tecnológica, é necessário um novo olhar que se vincule à transformação da formação dos professores e que possa voltar a pensar a função da escolaridade.

O principal objetivo da leitura de imagem não é só identificar apenas seus elementos formais isoladamente, mas reconhecer as manifestações e expressões de cada cultura e essa proposta se faz importante, principalmente no relacionamento com outras disciplinas por exemplo, na Língua Portuguesa para o aluno aprender a não só identificar questões ortográficas mas ser alfabetizar-se de forma integral.

É importante salientar que esta mudança nos paradigmas educacionais, enfocando a imagem como recurso para a alfabetização parte da formação dos professores, que por ainda caminhar a passos lentos, muitas vezes não acompanha o processo das novas práticas pedagógicas, interferindo no trabalho em sala de aula.

3 - O LÚDICO E AS IMAGENS NA ALFABETIZAÇÃO

A criança desde pequena tem uma vida cheia de sucessão de experiências de aprendizagens adquirida por ela mesma, quando tem a oportunidade de interação com seus pares. Ao chegar à escola, ela traz consigo infinitas experiências e conhecimentos acumulados, conquistados por meio de exploração visual, auditiva, jogos, brincadeiras, conversas, passeios, contatos, brinquedos, que influenciarão no seu processo de aprendizagem.

Nesse processo de aprendizagem, especificamente da leitura e da escrita, a criança defronta-se com um mundo cheio de atrações (imagens, letras, palavras, frases, textos) e se engajará mais ainda nele se puder participar integralmente e se o processo for transformado num grande ato lúdico (participativo, inteligente, prazeroso), em oposição ao ato técnico (estático, repetitivo, mecânico) muito próprio das escolas tradicionais do passado.

Portanto, percebe-se a necessidade de se relacionar o processo de alfabetização com o lúdico, e as imagens na forma de jogos e brincadeiras, que despertam o interesse e arrebatam a atenção das crianças, tornando este processo cheio de significado.

A alfabetização não se encontra mais sozinha. Hoje a proposta é alfabetizar utilizando o conhecimento que o aluno já traz para a escola e nesse contexto, as imagens tem papel preponderante, sendo impossível não perceber sua importância, em escala cada vez mais crescente, criando ponte de entre a alfabetização e o mundo dos símbolos.

Em todos os lugares, a todo instante, estamos rodeados por informações expressas por meio de letras, números, sinais, desenhos, mapas. Assim sendo, para desempenhar desde as mais simples atividades cotidianas às mais complexas, é necessário ler, interpretar, compreender, escrever com autonomia, e nisso a função da imagem é indiscutível.

Na alfabetização as imagens e o lúdico são inseparáveis. O ambiente lúdico é o mais propício para a aprendizagem e produz verdadeira internalização da alfabetização e

do letramento. O brincar deve estar incluído no dia-a-dia das crianças e na rotina escolar. Dessa forma será proporcionado o desenvolvimento das capacidades cognitivas, motora, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e de inserção social, e a aprendizagem específica da alfabetização.

O lúdico favorece a autoestima da criança e a interação de seus pares, propiciando situações de aprendizagem e desenvolvimento de suas capacidades cognitivas. Aliado às imagens reforça mais ainda sua função. A criança brinca o tempo todo e em todo o tempo. Esta também, muitas vezes, ocupada com seus desenhos e rabiscos e esse brincar rabiscando trás grandes possibilidades em seu aprendizado.

Na alfabetização e no letramento ela não brinca por brincar, ela se envolve num mundo de propósitos e com um olhar pedagógico. Assim, ela cria um espaço de experimentação e descoberta de novos caminhos de forma alegre, dinâmica e criativa favorecendo assim sua alfabetização e letramento.

Sendo assim o professor em sala de aula, precisa buscar novas formas de tornar o ensino estimulante e eficaz. Entretanto, é necessário criar situações de ensino-aprendizagem possibilitando um trabalho com dimensões lúdicas dentro e fora da sala de aula.

É preciso aplicar estratégicas de forma lúdica, seja através das brincadeiras, desenhos, ritmos de músicas, de poesias, rimas ou do envolvimento da turma nas elaborações de atividades direcionadas a alfabetização e letramento.

O lúdico, junto com o trabalho com imagens, oferecem caminhos amplos para o desenvolvimento das crianças tornando-as mais críticas, autônomas, criativas, felizes e, com isso, realiza um aprendizado mais significativo. Dessa forma, possibilita construir um outro olhar do seu mundo, promovendo o desenvolvimento em todas as dimensões humanas e ampliando assim a possibilidade de sucesso para o professor em sua prática de alfabetização e letramento.

4 – O DESENHO COMO RECURSO ALFABETIZADOR

Estudos realizados mostram que existe uma estreita relação entre a evolução da escrita e do desenho. Ribeiro (2007) citando Ferreiro, diz que a aprendizagem da língua escrita é a construção de um sistema de representação, assim como o desenho.

Referindo ao tema (PILLAR, 1996, p.32) diz que [...] para que a criança se aproprie do sistema de representação da escrita, ela terá que reconstruí-lo, diferenciando os elementos e as relações próprias ao sistema, bem como a natureza do vínculo entre o objeto de conhecimento e a sua representação.

A criança pode vir a passar por momentos onde afirmam que para que se possa ler ou escrever uma palavra, torna-se necessário que ela também conheça variedades de caracteres gráficos. Este conhecimento muitas vezes a criança já possui quando rabisca o chão ou a parede. São caracteres que apesar de indefinidos são significativos para a ela e são a chave do seu aprendizado.

No que diz respeito ao trabalho desenvolvido nas escolas em relação ao desenho, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental, é certo descaso com a disciplina arte, a que mais trabalha o grafis-

mo e suas especificidades, que é uma parte integrante e importante do currículo na formação dos sujeitos leitores.

Os professores, em sua maioria, acreditam que o desenho nessa fase escolar não é importante e por esse motivo não planejam o trabalho envolvendo a arte em suas estratégias de aula. Mas o que foi observado durante o estudo sobre o desenho infantil e suas contribuições no processo de alfabetização, é que a arte é importante não só porque é uma forma de construir conhecimentos, mas uma atividade que envolve a inteligência, o pensamento, a cognição; mas também influindo na construção de conhecimentos, em especial em relação à escrita.

Segundo Luquet (1969), existe o abandono da criança pela atividade do desenho, conforme sua teoria, esse desinteresse é produzido na idade em que a criança chega à concepção do realismo visual, como por exemplo o desenho de perspectivas que com a suas exigências de padronização faz com que os desenhos que a crianças executava anteriormente de acordo com seu realismo intelectual, já não mais a satisfaz em seu espírito crítico desenvolvido, sentindo-se assim, incapaz de fazer desenhos como quereria fazer.

O autor enfatiza ainda que o ensino do desenho deve visar não acelerar artificialmente a evolução espontânea do desenho, mas pôr a criança em estado de desenhar convenientemente em realismo visual quando tenha esta intenção. Isso deve ser feito mostrando-lhes objetos de seu quotidiano e deixando que ela exercite o desenho tanto quanto possível ao natural.

Também ressalta que, a principal atitude do educador deve ser a de "apagar-se", deixar que a criança use sua criatividade, fazendo sempre com que a sugestão acima ou outras, não soem como imposições deixando-a desenhar ao seu modo, sem intervenções ou críticas. A princípio, para a criança, o desenho não é um traçado executado para fazer uma imagem mas um traçado executado simplesmente para fazer linhas. (LUQUET, 1969 pg.145)

Dessa forma, é aconselhável ao professor, oferecer às crianças o contato com diferentes tipos de desenhos e obras de artes, para que elas façam a leitura de suas produções e escutem às dos outros e também sugerir desenhos a partir de observações diversas (cenas, objetos, pessoas, etc) para que possam nutrir-se de informações e enriquecer seus grafismos. Assim poderão reformular suas ideias e construir novos conhecimentos.

Enfim, o desenho infantil é um universo cheio de mundos a serem explorados e possibilitar às crianças que desenhem, ao contrário de ser perda de tempo, é propiciar-lhes representar graficamente as suas experiências, ou seja, é construir representações de forma e espaço através do desenho, o que possibilita ganhos significativos no trabalho com alfabetização e letramento, pois o desenho está intimamente ligado ao desenvolvimento da escrita.

5 – OS NÌVEIS NA ALFABETIZAÇÃO E O DESENHO

Em cada nível, a criança elabora hipóteses a respeito dos processos de construção da leitura e da escrita, baseando-se na compreensão que possui desses processos. Assim, a passagem de um nível para outro só irá ocorrer quando ela deparar com

questões que o nível em que se encontra não puder explicar e a desestabilidade cognitiva for suficiente para levá-la a procurar novos caminhos e encontrá-los. Nesses momentos, ao tornar consciência de que o que considera como certo é suficiente, ela irá elaborar novas hipóteses e considerar novas questões, até se apropriar do sistema de escrita como resultado de um processo pessoal e particular de construção de conhecimento.

Podemos dizer, então, que o processo de assimilação e acomodação de conceitos é gradativo, o que não excluí idas e vindas entre os níveis. Sabendo-se que cada nível de conceitualização da escrita tem uma característica marcante, uma demonstração é perceptível determinante, na maioria das vezes.

Entretanto, o professor precisa estar atento na sua avaliação aos diferentes modos com que o alfabetizando se prepara em um determinado nível. Mas qual seria então o papel do desenho nessa conceitualização e nesse processo de aprendizagem da escrita?. Abaixo apresentamos a função auxiliar do desenho em alguns tópicos de cada um desses níveis:

- Nível 1 - Hipótese pré-silábica.

Nesse nível, um dos itens é supor que a escrita é outra forma de desenhar ou de representa coisas e usa desenhos, garatujas, rabiscos pra escrever. A criança supõe também que a escrita representa os objetos e não seus nomes (coisas grandes devem ter nomes grandes, coisas pequenas devem ter nomes pequenos). Sendo assim, o professor poderá apresentar imagens de tamanhos diferentes, por exemplo de animais como elefante e rato, para que a comparação seja melhor assimilada, devido a diferença de tamanho entre os dois.

- Nível 2 - Intermediário I

Nesse nível a criança começa a desvincular a escrita das imagens e os números das letras e demonstra estabilidade ao escrever seu nome ou palavras que teve oportunidade e interesse de gravar, e essa estabilidade independe de estruturação do sistema de escrita. Sendo assim, para gravar letras relacionadas a imagem de animais ou objetos , o professor pode construir um abecedário em formato de varal e expor na sala em local visível, que será imprescindível no processo de escalada nesse nível.

- Nível 3 - Hipótese silábica

Nesse nível a criança supõe que deve escrever tantos sinais quantas forem as vezes em que mexer a boca, ou seja, a cada sílaba oral corresponde uma letra ou um sinal e combina vogais com consoantes, fazendo grafias equivalentes para palavras diferentes, exemplo, (DO para dado e dedo).

O desenho ou imagem de formatos de bocas mostrando as pronúncias quando são realizadas e do dado e da mão, auxiliam na compreensão e na assimilação da junção das palavras e o sentido das sílabas.

- Nível 4 - Hipótese silábico-alfabética (Intermediário II)

A criança pode combinar vogais e consoantes em uma mesma sílaba, na tentativa de combinar sons, sem tornar, ainda,

sua escrita socializável – por exemplo, para representar a palavra CAVALO, escreve CAVO, CVAO, CAVA. Uma cruzadinha utilizando a imagem do animal auxilia na relação quantidade de letras com o sentido da palavra.

- Nível 5 - Hipótese alfabética.

Nesse nível a criança compreende que a escrita tem uma função social (a comunicação), compreende o modo de construção do código da escrita e produz escritas alfabéticas. O desenho de quadrinhos, produzidos com balões em branco para preenchimento, estimula mais ainda esse aprendizado, principalmente preparando para o ensino das onomatopeias, sons das palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo foi possível concluir que o desenho pode auxiliar, principalmente, nos processos que englobam técnicas para alfabetizar na primeira fase da educação básica onde surgem os primeiros contatos com a escrita. Notou-se ainda que exercícios lúdicos estimulam e motivam a criança-aprendiz a pensar. Isso é bastante significativo pois ela se torna capaz de se envolver de forma mais ativa com o seu processo de aprendizagem, estando mais aberta a novas abordagens. Quando falamos em desenho como recurso na alfabetização e letramento, devemos pensar na função social da escola pública, pois nela, a palavra recurso é algo que tem interpretações distintas, tanto de técnicas quanto investimento financeiro. E este segundo de certa maneira, é o que faz a técnica acontecer, cabendo ao professor com seu compromisso em realizar de sonhos, mostrar que mesmo sem ele aprender é possível, e utilizar todo seu potencial para garantir que uma dessas realizações seja o ler e escrever.

REFERÊNCIAS

HERNANDEZ, Fernando. Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho. Tradução – Jussara Haubert Rodrigues – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

LUQUET, G.H. O desenho infantil. Porto.Editora do Minho. 1969.

MAZZAMATI, Suca.M. Ensino de desenho nos anos iniciais de ensino fundamental: reflexões e propostas metodológicas. São Paulo.SM.2012

MOLINA, Ana Heloisa. Ensino de História e imagens .Dominios da imagem. V.I, n.1.Londrina. 2007

PICCOLI,Luciana; CAMINI, Patrícia (orgs) . Práticas pedagógicas em Alfabetização: espaço, tempo e corporeidade . Erechim. Edelbra. 2012

PILLAR, Analice Dutra. Desenho & escrita como sistema de representação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

RIBEIRO, V. M. (Org.). Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003.

RUSSO, M. de. F. Alfabetização: um processo em construção. 6ª .ed, São Paulo. Saraiva. 2012.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista brasileira de educação, n. 25, p. 5-17, 2004.